

ASPECTOS GEOGRÁFICOS DE ANDRADE PINTO*

MAURÍCIO COELHO VIEIRA

(Da Divisão de Geografia)

INTRODUÇÃO

Andrade Pinto acha-se situado no estado do Rio de Janeiro, fazendo parte do município de Vassouras como 3.º distrito. Está compreendido entre 22º 10' e 22º 20' de latitude sul e entre 43º 20' e 43º 30' de longitude oeste do meridiano de Greenwich.

É uma região bem caracterizada tanto no aspecto físico quanto no econômico, sendo que a posição e os meios de transporte são fatores favoráveis à expansão do comércio quer dentro do próprio município, como podemos observar no mapa de uso da terra, quer com Rio das Flores, Paraíba do Sul e Distrito Federal para onde se escoam a maior parte de sua produção.

Abrange uma área de 73 quilômetros quadrados, ou seja, 5,6% de todo o município, nela vivendo cerca de 5 000 habitantes, dando uma densidade relativa de 69 habitantes por quilômetro quadrado.

Limita-se ao norte com os municípios de Paraíba do Sul e Rio das Flores, dos quais é separado pelo rio Paraíba do Sul; a leste ainda com o município de Paraíba do Sul; ao sul com Avelar e a oeste com Sebastião de Lacerda, respectivamente 11.º e 8.º distritos do município de Vassouras.

Embora faça parte de uma grande unidade e possua as mesmas características do conjunto denominado vale do Paraíba, Andrade Pinto apresenta certo destaque devido sobretudo à suavidade topográfica.

De fato, a conformação do relevo não favoreceu os agentes erosivos e por isso as voçorocas, que os locais denominam "panelas" ou "terras podres", são raríssimas, praticamente inexistentes. Eis a razão por que os solos do distrito em aprêço são considerados os melhores do município e também os mais valorizados. Outro fator que contribui no caso é a decomposição de certas rochas, dando solos férteis em determinadas localidades.

Atualmente a atividade básica é a pecuária, seguida de perto pela avicultura, havendo todavia boas lavouras. Estas têm na abóbora seu produto principal, que juntamente com os legumes, influi de modo considerável para a estabilidade da famosa feira de Avelar e recentemente de Maçambará. Devido a tudo isto, o recenseamento de 1940 apontou Andrade Pinto como o mais populoso distrito, maior mesmo que Vassouras, sede do município.

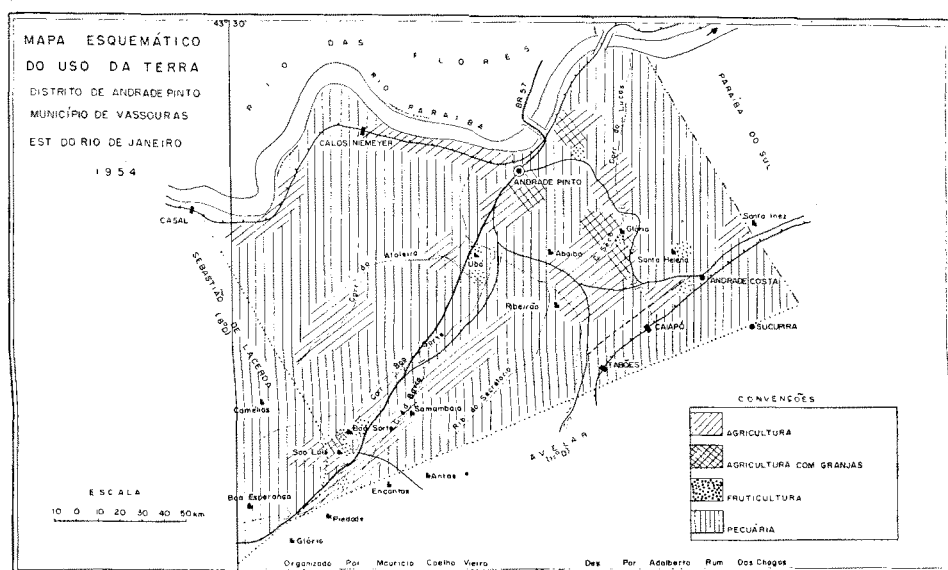
* Tese com que o autor concorreu ao concurso para a carreira de Geógrafo do Conselho Nacional de Geografia — 1954.

Analisando a evolução econômica, notamos anteriormente à pecuária e à avicultura, uma fase de predominância canavieira e outra mais antiga cujo sustentáculo foi o café. A fase canavieira pouco tempo durou porque os resultados não foram compensadores. O café marcou época famosa, tanto na grandeza quanto na decadência.

Como sabemos, Andrade Pinto sofreu como todos os demais distritos de Vassouras, a invasão da agricultura cafeeira. Suas matas foram derrubadas e em seu solo fértil e virgem floresceu a agricultura do café. Porém, a rubiácea que tornou Vassouras a "princesa do café" e fez aparecer em seus distritos fazendas das mais belas e ricas, como é o caso de São Luís da Boa Sorte, Ubá, Glória e outras, teve também a sua decadência, motivada pela abolição da escravatura e o cansaço do solo.

A derrocada que avassalou todo o município de Vassouras, teve em Andrade Pinto influências menos funestas. Assim sendo, tal distrito como também o de Avelar são hodiernamente as potências econômicas mais estáveis e sólidas do município de Vassouras. Embora a saída dos trabalhadores para o Distrito Federal, Volta Redonda e outras indústrias tenha causado dificuldades à lavoura, a pecuária desenvolveu-se muito, o mesmo acontecendo às granjas. Estas atividades não requerem grande quantidade de homens, como a lavoura e, se todos continuarem a melhorar suas fazendas, teremos dentro em breve um distrito modelo no tocante à criação, além de ter aumentado seu potencial econômico.

Por outro lado, os meios de transporte que já são bons, melhorarão ainda mais, visto que a estrada-tronco do distrito, que liga Andrade Pinto a Vassouras e Paraíba será asfaltada. Andrade Pinto está, pois, fadado a um progresso vertiginoso e ininterrupto, ampliando consideravelmente sua prosperidade e grandeza.



CAPÍTULO I

A PAISAGEM NATURAL

Quem pretender estudar a paisagem natural do distrito de Andrade Pinto, terá que se deter no relêvo e constituição geológica, pois a vegetação foi completamente exterminada, dela restando apenas alguns testemunhos espalhados pelas capoeiras existentes. Como se verifica, foi grande a modificação introduzida pelo homem, facilitando a ação do clima através dos elementos temperatura e chuva sobre o conjunto atual.

Compreende-se assim o reflexo no regime hidrológico e, sobretudo, a evolução econômica.

RELÊVO E GEOLOGIA

Observando a região de Andrade Pito da descida de Maçambará e do caminho para Guaribu, respectivamente, a 480 e 490 metros de altitude, notamos um nível de cristas onde a erosão trabalha ativamente, como podemos verificar pelas ravinas vistas na figura 1. O alinhamento de cristas que sobressai no conjunto, é o nível superior



Fig. 1 — Vista panorâmica obtida do alto do Chalé, sobre uma "chapada", a 445 metros de altitude. Vemos à direita o nível superior das cristas com inúmeras ravinas. Mais abaixo está o nível intermediário, em cujas encostas, onde afloram rochas básicas, há excelentes lavours de abóbora e feijão, notando-se o limite do cultivo pela cumiada revestida de capim. Ao centro avistamos o alto de Maçambará. À esquerda a sede do sítio do Chalé e ao canto após a capoeira inicia-se o vale da Barra. Entre os dois alinhamentos da direita está o córrego Boa Sorte.

(Foto A. J. P. DOMINGUES)

(480-490 metros), que abrange poucas partes do distrito em estudo, cuja área começa logo após o dito ravimento.

Mais adiante, depois do nível superior, seguido sempre no sentido de Andrade Pinto-Paraíba do Sul, já dentro do distrito, averiguamos que os ravimentos ainda são encontrados, porém em menor número. Estamos em presença de um relêvo mais suave, no qual a orientação é N 70.º E, refletindo a direção do gnaiss, que aí é a rocha predominante. As cristas apresentam então menores altitudes (420-450 metros) e formam um nível intermediário, que é o mais comum na região.

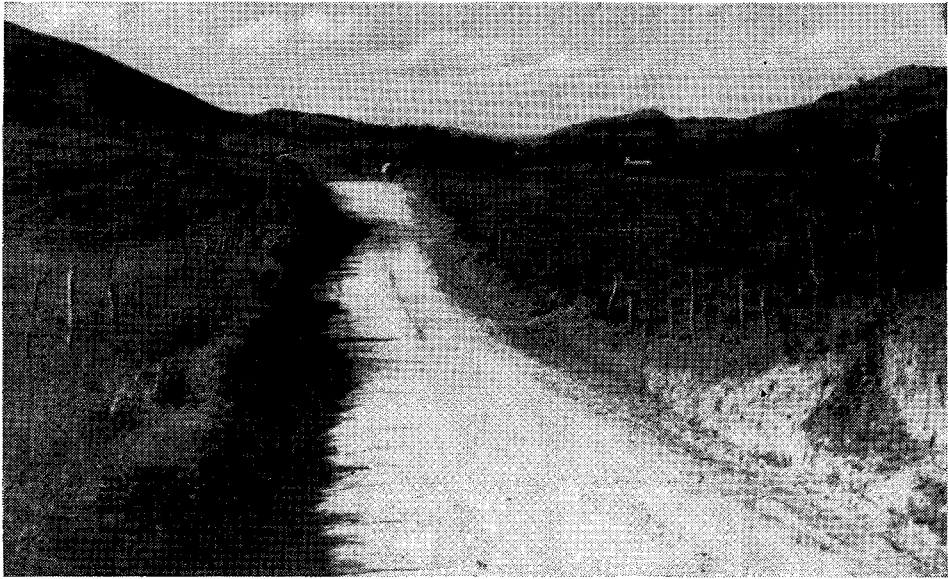


Fig. 2 — Vale do córrego Boa Sorte, no qual estão instaladas várias fazendas. Vemos ainda a estrada que liga Andrade Pinto a Vassouras, que atualmente está sendo alargada e brevemente será asfaltada. Tem grande influência na economia local.

(Foto A. J. P. DOMINGUES)

Entre estas cristas existem vales muito abertos, como podemos observar na figura 2, no fundo dos quais há cursos d'água de grande importância para a economia distrital.

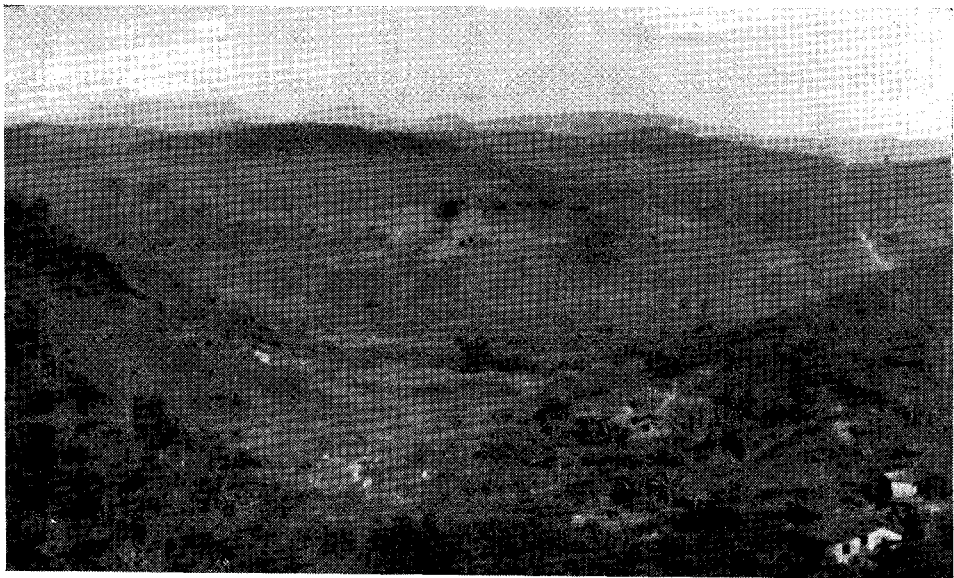


Fig. 3 — Vista tirada para jusante de um vale estrutural simétrico, a 459 metros de altitude. Vê-se depois, na direção da fazenda dos Encantos, uma capoeira da fazenda São Luis da Boa Sorte, antes da qual, afloram rochas básicas e adiante o alinhamento da Tetéia.

(Foto A. J. P. DOMINGUES)

Correspondendo ao nível intermediário, encontramos vales suspensos cortando as camadas de gnaiss do nível superior. São vales estruturais de grande utilidade, pois devido a eles os locais transpõem a



Fig. 4 — Vista tomada na direção da fazenda da Samambaia, notando-se a dessimetria do vale e sua correspondência com o nível intermediário. Ao fundo avistamos as serras de Petrópolis.

(Foto A. J. P. DOMINGUES)

crista e fazem boas lavouras. As figuras 3 e 4 nos dão uma idéia dos mesmos.

Partindo do rio Paraíba, nas imediações de Carlos Niemeyer, a 313 metros de altitude, na direção de Avelar, temos inicialmente um pequeno terraço de 10 metros (do nível do rio), sôbre o qual existem ótimas lavouras.

Em seguida aparece o nível das colinas: um mais baixo, com cêrca de 20 a 25 metros; outro mais alto com 45 a 50 metros, que vai corresponder ao nível das fazendas Boa Esperança — São Luís e Boa Sorte. Essas colinas correspondem a terraços dissecados pelo rio Paraíba. Seu nível é bem nítido nas margens do Paraíba e nos vales dos córregos Atoleiro, Boa Sorte, Lucas e seu afluente, o córrego Sêco, sendo que o mais alto termina geralmente em “garupas”. Nos demais cursos d’água, não mais presenciamos tal panorama.

Em seguida, temos o nível intermediário a 420-450 metros (107-137 metros em relação ao rio Paraíba), bastante regular, que corresponde ao nível Resende-Vassouras, conforme o perfil do rio Paraíba. Esse nível é denominado “chapada” pelos locais.

Todos os cursos d’água correm segundo a orientação do gnaisse, exceto o rio Ubá, que depois da estação de Tabuões começa a cortar as camadas da mencionada rocha.

A paisagem observada em conjunto tem aspecto “apalacheano”.

Dominando todo o conjunto temos o alinhamento da Tetéia, visto na figura 5, com aproximadamente 600 metros de altitude, terminando abruptamente, formando uma escarpa maior. Logo adiante depa-ramos o rio Ubá e a vila de Avelar, a 485 metros. O alinhamento em

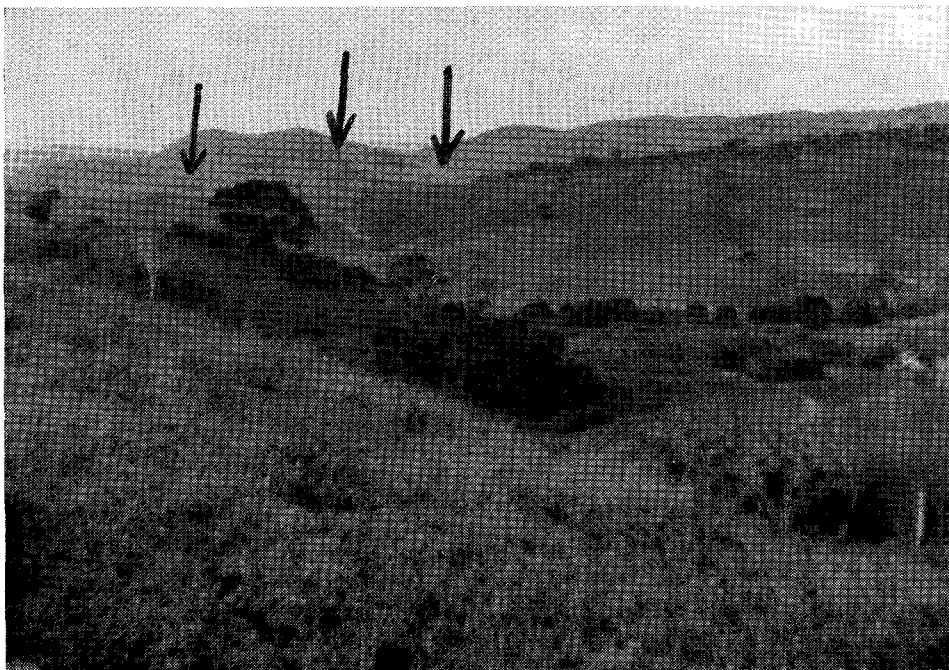


Fig. 5 — Paisagem próxima da fazenda das Antas e do ribeirão do Secretário. Vê-se o alinhamento da Tetéia com suas voçorocas, indicadas pelas setas.

(Foto CELMO M. M. VIEIRA)

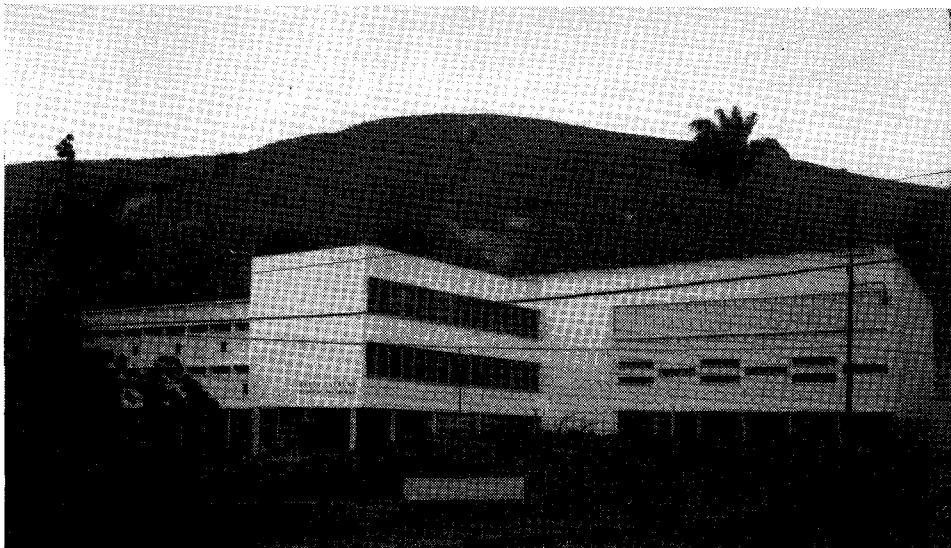


Fig. 6 — Nota-se no morro atrás do grupo escolar Barão de Vassouras, uma das inúmeras voçorocas que circundam a cidade.

(Gentileza da Foto Santo Antônio)

apréço corresponde ao nível de Pindamonhangaba no perfil do rio Paraíba. No alto da Tetéia vimos um péssimo aproveitamento das capoeiras e uma errônea organização de pastagens com utilização de fortes declives. Em conseqüência surgiram recentemente as voçorocas ou “panelas”, como chamam os locais. Se não corrigirem os erros, dentro

de algum tempo vislumbraremos aí idêntico cenário ao existente nas proximidades de Sebastião de Lacerda, Vera Cruz e nas cercanias de Vassouras, como vemos na figura 6.

Entre a vila de Andrade Pinto situada a 296 metros de altitude e o povoado de Andrade Costa, com 407 metros, verificamos a existência de um terraço de 10 metros onde se acha localizada a vila. A seguir deparamos o nível das colinas e posteriormente o intermediário. Após êste surge novamente o nível das colinas.

Após Andrade Costa e Avelar o relêvo se vai acentuando para atingir as elevações de Petrópolis.

Em todo o distrito de Andrade Pinto afloram rochas de grande importância para o conjunto.

A mais característica, que simboliza a geologia de Andrade Pinto é o gnaiss, sendo encontrado por tôda parte e sempre exercendo influência, ora na estrutura, ora evitando as voçorocas ("panelas" ou "terras podres"), ora utilizado nas rodovias em forma de saibro.

Além do gnaiss, rocha predominante e responsável pela morfologia, encontramos no 3.º distrito de Vassouras, o diabásio. Aflora desde Maçambará até Andrade Pinto. No nível intermediário situado à margem direita do córrego Boa Sorte, nas proximidades de São Luís (subida para a fazenda da Glória), vimo-lo em grande escala, o mesmo acontecendo na subida da estrada para Andrade Costa, nas imediações de Andrade Pinto. Aparece em forma de dique e de *boulders*, cuja decomposição apresenta esfoliação concêntrica. Perto das fazendas

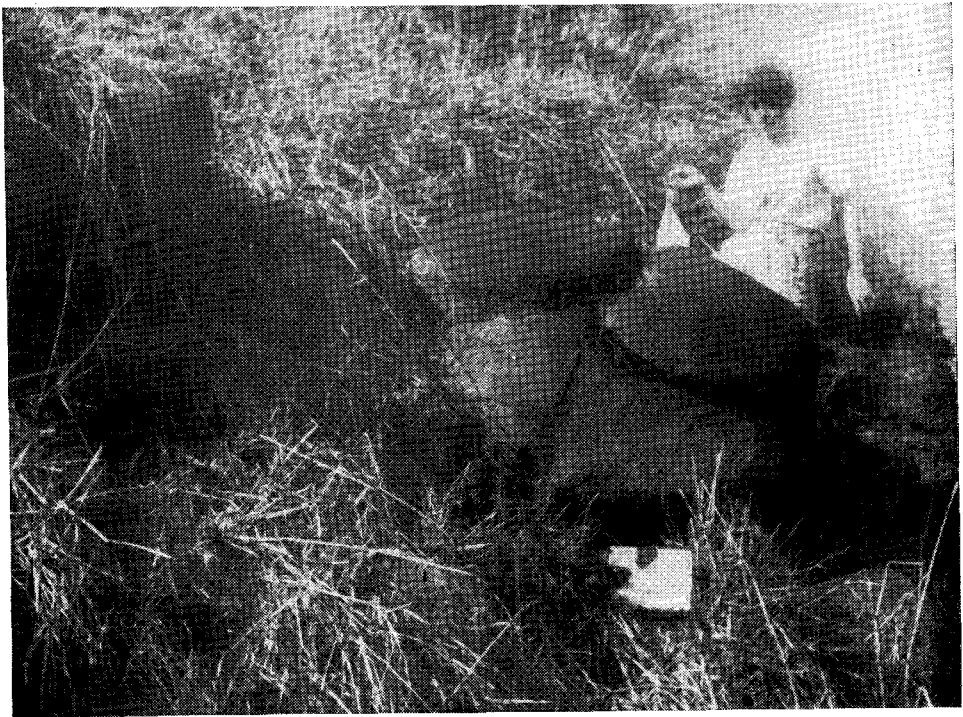


Fig. 7 — Afloramento de diabásio entre as fazendas São Luís da Boa Sorte e Glória, notando-se claramente a esfoliação.

(Foto A. J. P. DOMINGUES)

Abaíba e Ribeirão, verificamos sua ocorrência em um grande dique, ostentando o formato de lâminas conforme observamos no arenito de Freyberg, no córrego São Mateus (bacia do São Francisco). Estes afloramentos denominados de "pedras de ferro" pelos locais têm enorme influência na agricultura, dando excelentes solos. A figura 7 mostra-nos um desses inúmeros *boulders*. Também no município de Paraíba do Sul são vistos afloramentos de rochas básicas.

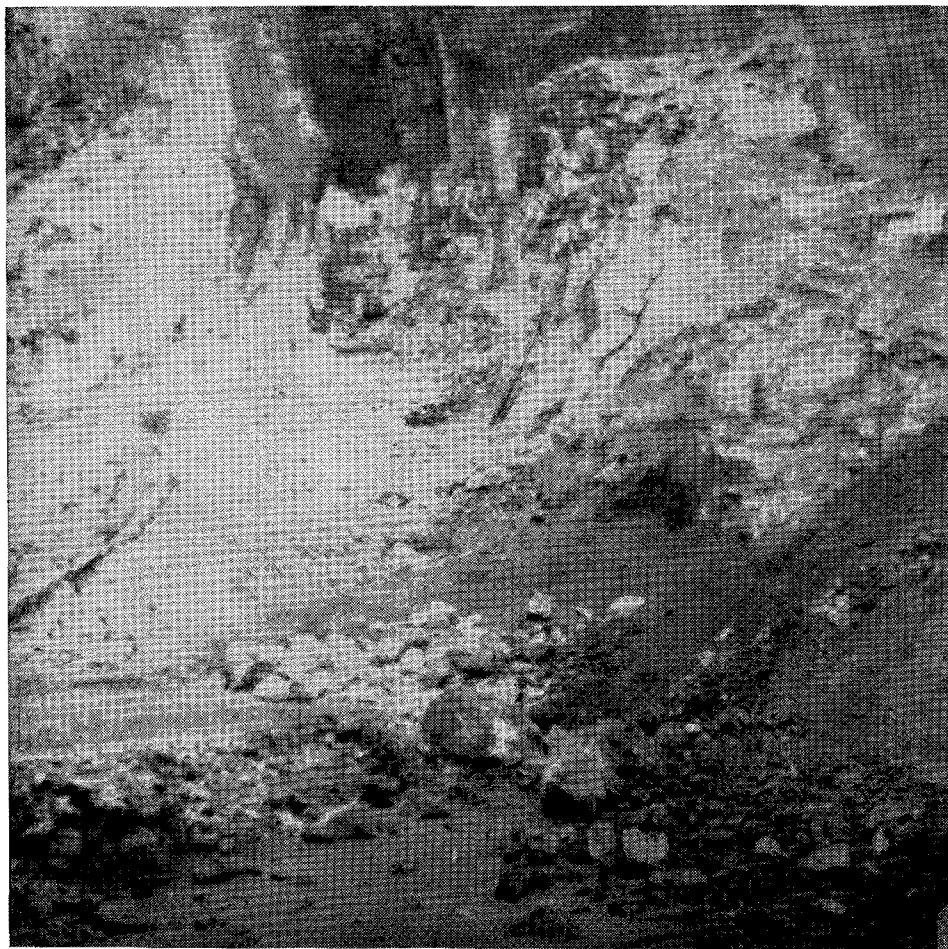


Fig. 8 — "Caieira" de dolomita. Sua exploração deu origem a uma indústria de moagem com sede na vila.

(Foto CELMO M. M. VIEIRA)

Outra rocha de grande utilidade para a economia local é a dolomita, conforme a análise qualitativa feita no Instituto Nacional de Tecnologia. Sendo um carbonato de cal e magnésio $MgCO_3 \cdot CaCO_3$, muito contribui para a fertilidade dos solos entre Andrade Pinto e Andrade Costa, belo povoado de pequenas porém sólidas lavouras.

Em consequência de tal afloramento há perto da vila de Andrade Pinto, a 360 metros de altitude, uma grande "caieira", vista na figura 8, dando origem a interessante indústria: a Moagem de Minério Ltda.

Na margem esquerda do córrego Boa Sorte numa elevação (425 metros de altitude) acima da sede do mesmo nome há quartzo hialino, cujo afloramento é pequeno e não apresenta valor extrativo devido à má qualidade, no ponto de vista industrial.

Além destas já mencionadas, outras rochas podem ser encontradas, porém em menor escala. É o caso da pimelita, verificada em Andrade Costa, mineral que contém silicato ferroso, conforme análise qualitativa do já citado Instituto Nacional de Tecnologia e do pegmatito, que deparamos nas proximidades da Escola São Luís da Boa Sorte, formando um veio de 50 centímetros de largura.

Entretanto, nenhuma das rochas citadas apresenta importância para a morfologia local como o gnaíse, embora tenham relevante papel para os solos particularmente o diabásio, e a dolomita para a indústria.

CAPÍTULO II

A EVOLUÇÃO ECONÔMICA E OS RECURSOS ATUAIS

No estudo da economia podemos determinar três fases distintas: a cafeeira, a canavieira e a atual, compreendida pela pecuária e pequena lavoura.

A fase cafeeira corresponde ao pioneirismo. Seu êxito foi devido à fertilidade dos solos virgens e durou até o cansaço das terras.

A fase canavieira durou pouco tempo, pois o desgaste das terras aliado à ausência de irrigação, adubagem, tipos de cana cultivada e qualidade do produto não poderia dar resultados compensadores.

A fase atual, baseada na pecuária e pequena lavoura é uma consequência lógica das anteriores. E se a pequena lavoura tem dado bons resultados é porque nas partes baixas há concentração de húmus ou devido às ocorrências de solos mais férteis existentes no distrito. A influência topográfica por sua vez atenuou as consequências da erosão. Entretanto, dificilmente a atividade agrícola poderá concorrer com a pecuária.

Como vemos, Andrade Pinto sempre se destacou no município de Vassouras. Anteriormente com suas excelentes culturas de café e atualmente através de pequenas lavouras e sobretudo na atividade pecuarista.

FASE CAFEEIRA

Depois de cultivado na Guiana Francesa, o café foi introduzido no Brasil por PALHÊTA, inspirado em JOÃO DA MAIA GAMA, segundo TEODORO BRAGA. As cinco mudas e mil e poucas sementes adquiridas, deram origem aos inúmeros cafêzais brasileiros.

“Introduzido o café na Amazônia, em 1727, era natural que aquela imensa região fôsse o primeiro campo da cultura cafeeira no Bra-

sil. E, assim, se deu, embora não pudesse ela ali prosperar devido às condições climáticas”¹.

Com efeito, as condições do meio não favoreceram o cultivo da rubiácea não só na Amazônia como em todo o Nordeste. Mesmo assim, em 1731, segundo TEODORO BRAGA, foram remetidas para Lisboa pequenas partidas de café do Pará e do Maranhão. Isto fez com que D. João II isentasse o café de direitos durante doze anos e ainda mais: recomendasse aos seus delegados na Amazônia que incentivassem o seu plantio.

Sendo diminuta a produção da Amazônia como também do Nordeste, apenas o Ceará se destacou com boa produção para a época (encostas das serras de Baturité, Aratanha e Pacatuba), o café começou a se destacar após sua introdução no Rio de Janeiro, em 1860, graças a JOÃO ALBERTO CASTELO BRANCO.

Depois de expandir-se pelo atual Distrito Federal, o café encontrou no território fluminense o meio mais propício.

O obstáculo oferecido pela serra desapareceu em parte. O homem embrenhou-se pelo interior fluminense, conquistando e modificando imensa região habitada por silvícolas e coberta por extensa floresta. Desapareceu o conjunto natural da mata e surgiu outro artificial em seu lugar. A nova fisionomia foi idêntica em todo o vale do rio Paraíba.

“Dois rumos notáveis e principais tomou a invasão cafeeira em terras fluminenses, nos primeiros anos da disseminação da rubiácea: o do noroeste, com os núcleos importíssimos de São João Marcos e Resende, o do norte, de que decorreriam as grandes lavouras de Vassouras, Valença e Paraíba do Sul. A zona oriental da capitania, a de Cantagalo, só mais tarde viria a ser aproveitada pelos cafêzais, já muito depois dos anos da Independência”².

Segundo TAUNAY, a zona de Vassouras assumiu “importantíssimo papel nos fastos primevos do café”. Bem antes da fundação da cidade o café foi cultivado em Pati do Alferes, destacando-se entre as grandes fazendas a de Pau Grande, de propriedade do barão DE CAPIVARI e depois do filho, o visconde DE UBÁ.

Na atual fazenda de Ubá, da Cia. Centros Pastoris do Brasil, a maior do distrito, o café teve seu cultivo iniciado entre 1800 e 1810. Foi portanto uma das primeiras regiões cultivadas no município.

“Na sesmaria de Vassouras, concedida, em 1782, a FRANCISCO RODRIGUES ALVES e seu sócio, LUÍS HOMEM DE AZEVEDO, erguer-se-ia a capital do café brasileiro nas primeiras décadas do século XIX”³.

Após a chegada de CUSTÓDIO FERREIRA LEITE em 1816, a lavoura cafeeira tomou grande impulso. O notável cafêzista foi um dos maiores animadores da lavoura cafeeira na província do Rio de Janeiro e

¹ — AFONSO DE E. TAUNAY — *Pequena História do Café no Brasil* — (1727-1937) — Capítulo II, página 31 — DNC — Rio de Janeiro, 1945.

² — AFONSO DE E. TAUNAY — Obra citada — Capítulo II, página 39.

³ — AFONSO DE E. TAUNAY — Obra citada — Capítulo II, página 39.

também em Minas Gerais. Além do entusiasmo, destacou-se na propaganda, sentindo prazer em abrir novas fazendas. Conseguiu trazer para as terras fluminenses seis irmãos, vários sobrinhos e primos, sendo que quase todos prosperaram.

“Desde os anos do Primeiro Império, como vimos, crescera imenso o cafézal brasileiro, ocupando áreas cada vez maiores na província fluminense, na Mata de Minas e no norte de São Paulo. Enormes superfícies magnificamente florestadas haviam sido tomadas de assalto pelas lavouras da rubiácea. E, nada de mais eloqüente para documentar o fato, do que a inspeção das diversas cartas geográficas da região centro-meridional do Império, os mapas sucessivamente impressos, onde vemos os núcleos de população, vilas e cidades surgirem rapidamente em zonas onde, havia bem pouco, reinava a solidão e vagueavam índios.

Posseiros derrubavam a mata e abriam lavouras que, dentro em breve, os enriqueceriam. Cada vez mais intenso o apêlo ao avolumamento dos braços, reclamados pelos cafêzais novos”⁴.

Com isto, a agricultura do café enriqueceu muita gente, mas estragou grande quantidade de terras. Derrubando a mata e plantando-se o café, eram sempre bons os resultados, pois os solos estavam virgens e férteis. Os métodos utilizados, porém, eram péssimos. Os fazendeiros poderiam ter conservado o solo dedicando-lhe um pouco do lucro. Deveriam pelo menos evitar a cultura em declives íngremes, mas assim não procederam. O resultado é que, com o correr do tempo tornaram-no impraticável para a agricultura cafeeira. Cansaram-no demasiadamente. O interessante é que eles bem sabiam das conseqüências futuras, pois tinham exemplos anteriores no Distrito Federal. “Ao passo que as lavouras das matas fluminenses e mineiras haviam progredido de modo tão notável, o centro primitivo de disseminação cafeeira — o carioca, declinava rapidamente como era de esperar, pois os cafêzais haviam sido plantados, geralmente, nas abas íngremes da serra da Tijuca”⁵.

É bem verdade que os nossos agrônomos só vieram a se impressionar com os problemas da erosão muito mais tarde, como salienta TAUNAY. FRANCISCO BELISÁRIO SOARES DE SOUSA fêz a respeito importante crítica, salientando que era mais útil aos agrônomos ensinarem a conservação dos solos do que adubar os já estragados.

Os estragos provocados pelo café, a falta de braços em conseqüência da abolição da escravidão e também o absenteísmo, ocasionaram o desaparecimento quase total da lavoura cafeeira do vale do Paraíba. Daí ser célebre e notável o rifão: “pai mineiro, filho cavaleiro, neto sapateiro”, isto é, “pai enriquecido, filho gastador ou pródigo, neto pobre”⁶.

A cultura do café estragou terras não só no vale do Paraíba, mas também no sul de Minas Gerais e em certas partes de São Paulo.

⁴ — AFONSO DE E. TAUNAY — Obra citada — Capítulo VIII, página 117.

⁵ — AFONSO DE E. TAUNAY — Obra citada — Capítulo VIII, página 120.

⁶ — AFONSO DE E. TAUNAY — Obra citada — Capítulo XI, página 156.

Embora sejamos forçados a afirmar que a cultura cafeeira muito contribuiu para o nosso comércio externo e para o progresso de todo o vale do Paraíba, somos de opinião que a mesma foi nociva devido aos processos empregados. Em Andrade Pinto a falta de técnica acarretou menos desastres porque sua situação é privilegiada.

O lucro proveniente do café influenciou nas cidades e Vassouras é um belo exemplo, como bem atestam as figuras 9 e 10. As magníficas residências não apareceram apenas na sede mas em todo o município como podemos observar no distrito de Andrade Pinto. As figuras 11 e 12 mos-



Figs.9 e 10 — Ambas testemunham o apogeu e o belo gosto da aristocracia cafeeira.

(Gentileza da Foto Santo Antônio)

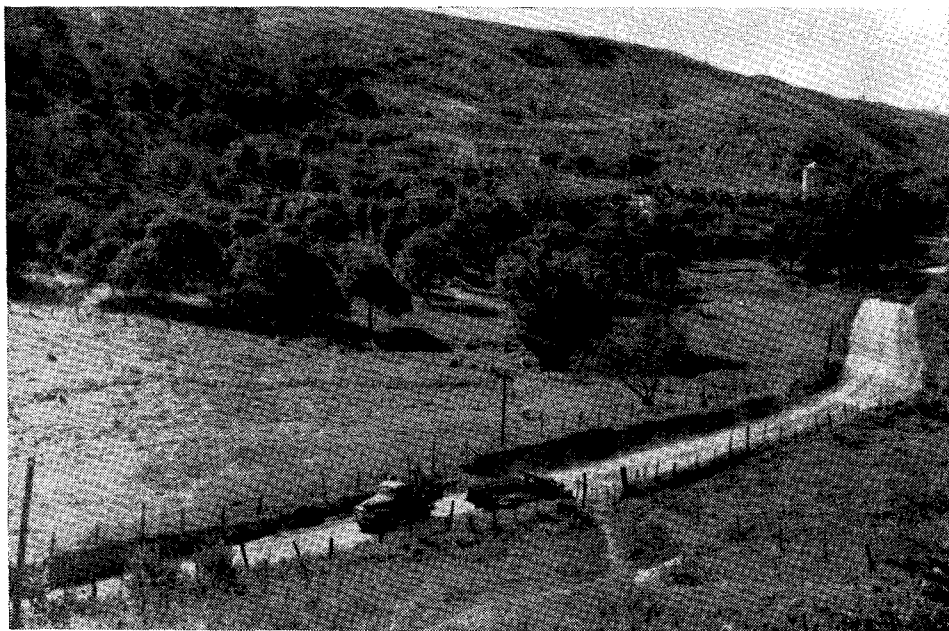


Fig. 11 — Fazenda São Luís da Boa Sorte, uma das mais belas residências do período cafeeiro. A reforma não modificou seus traços primitivos. Ao redor dela vê-se em primeiro plano a chácara e ao fundo um canavial destinado ao gado, notando-se ainda o silo e a estrada de rodagem.

(Foto A. J. P. DOMINGUES)

tram-nos dois belos exemplos de fazendas do período cafeeiro no citado distrito.

O mal de estragar terras era congênito. O lema era produzir o máximo e enriquecer depressa. Visavam ao presente, pouco interessando o futuro. Por isso o café marcou duas fases: uma de grandeza e outra de decadência. Se houvesse menos ganância, até hoje os solos do vale do Paraíba estariam sendo aproveitados como o foram outrora. Sendo uma cultura aberta “é claro que o café foi nocivo por ter sido a única cultura plantada mediante desnudamento do solo”⁷. A figura 13 dá-nos um exemplo de como não se deve desnudar o solo em declives íngremes.

No distrito de Andrade Pinto bem como em outros do município de Vassouras houve cultura canvieira após a do café. Se esta fôsse realizada um pouco antes entre as filas dos cafêzais teria protegido o solo. De fato, sendo uma cultura fechada, as suas touceiras teriam protegido o solo contra a erosão. Por isso JOSÉ SETZER afirma com toda a razão: “Assim a cana é cultura preciosa a fim de plantar com elas faixas em curvas de nível no meio de grandes extensões de culturas “abertas”. Isto sem falar nos seus produtos, açúcar e álcool, que são de grande valor e isentos de riqueza mineral do solo, o que vem a significar que todo o fósforo, potássio, cálcio, azoto, etc., poderiam ser devolvidos ao solo pelas usinas que refinam tais produtos. Ao mesmo tempo o Brasil necessita de combustíveis líquidos e poderia produzir

⁷ — JOSÉ SETZER — *Pequeno Curso de Pedologia*, p. 53 — Cons. Nac. Geog., Rio de Janeiro, setembro de 1944.

enormes quantidades de álcool. Mas é proibido plantar cana no estado de São Paulo”⁸.



Fig. 12 — A fazenda da Glória foi outrora importante centro cafeeiro. Hoje, muito retalhada, readquiriu projeção através das excelentes lavouras e da avicultura.

(Foto CELMO M. M. VIEIRA)

Mesmo sem utilizar a técnica, a agricultura cafeeira foi mais durável no distrito de Andrade Pinto, beneficiada pelas condições físicas e pelos solos mais propícios. Estes fatores lhe permitiram a continuidade. Ainda hoje encontramos cafeeiros daqueles tempos e até mesmo plantações, como observamos na fazenda da Glória e em Providência, nas proximidades de Ribeirão.

Das 6 indústrias de café beneficiado existentes no município de Vassouras, Andrade Pinto conta com uma, representada pela Cia. Centros Pastoris do Brasil.



Fig. 13 — Ravinamentos devido ao desnudamento do solo em Vera Cruz. Ai os agentes erosivos foram mais nocivos devido à declividade.

(Foto CELMO M. M. VIEIRA)

⁸ — JOSÉ SETZER — Obra citada, p. 53.

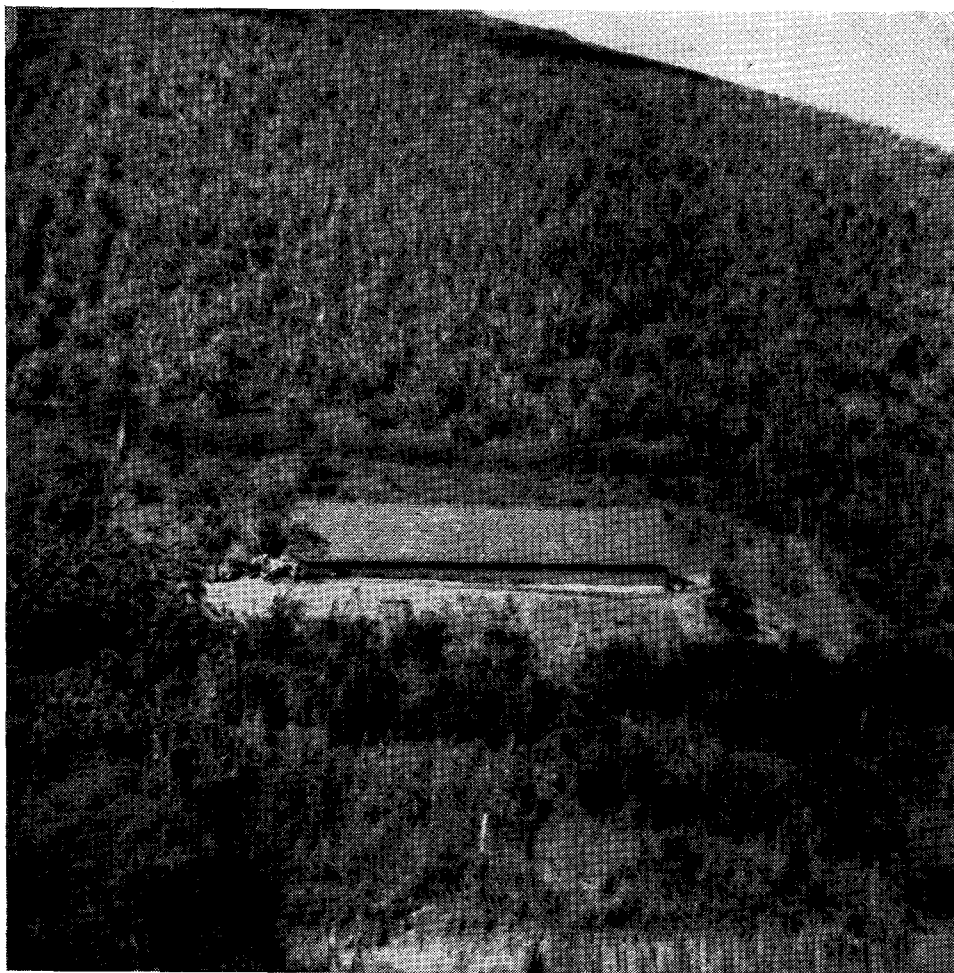


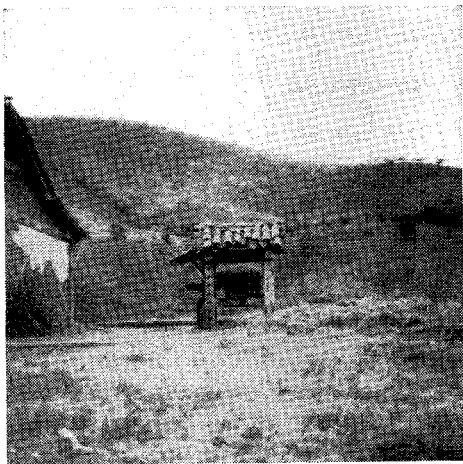
Fig. 14 — Fazenda dos Encantos (11.º distrito). Vemos na encosta cultura de cana e ao sopé velhos cafézais. Entre as duas culturas está uma granja.

(Foto do autor)

As novas lavouras embora bem adubadas jamais darão os resultados de outrora. A fertilidade não se adquire rapidamente. Daí ter razão FRANCISCO BELISÁRIO “é melhor conservar do que adubar”. Hoje não há matas para derrubar, o que equivale a dizer que não há mais solos virgens. Embora não haja “terras podres” ou “panelas”, estas terras estão cansadas. Darão café mas adaptam-se melhor a outras lavouras, como atestam os resultados obtidos. Todavia, é preciso mais técnica para conservar e mesmo ampliar os resultados obtidos nas feiras de Avelar, Maçambará e Werneck.

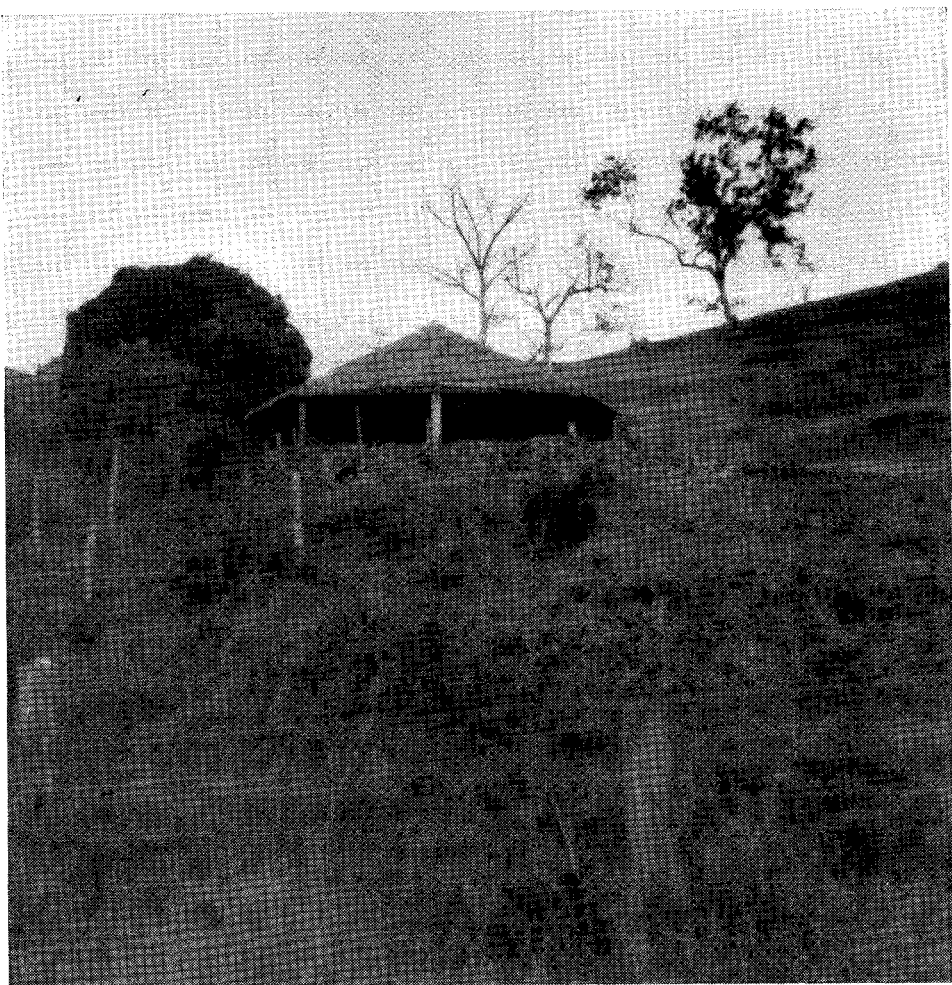
FASE DA CANA-DE-AÇÚCAR

Os canaviais existentes no distrito de Andrade Pinto são cultivados com o objetivo de melhorar a alimentação do gado bovino. Os fazendeiros que usam a cana como forragem visam a duas coisas a um



Figs. 15 e 16 — A primeira é uma antiga moenda da fazenda São Luis da Boa Sorte, hoje aposentada em virtude de não haver cultura de cana visando à industrialização. A segunda é a moenda de cana da fazenda dos Encantos, cujo fornecimento vem do canavial visto na figura 14, que é de outro proprietário.

(Fotos do autor)



só tempo: beneficiar o rebanho com sólida alimentação no período sêco do inverno e com isso evitar a queda na produção do leite. Mas tal acontece unicamente nas fazendas de criação selecionada e organizada; caso contrário nem se pensa nela.

Com outro objetivo encontramos-a em Aliança e Encantos, respectivamente propriedades do 8.º e 11.º distritos, que visam à fabricação de aguardente. Acreditamos, porém, que a agricultura canavieira entre em decadência e desapareça com o correr dos tempos, exterminando em consequência as duas indústrias de aguardente, pois os processos empregados no cultivo são deficientes.

A cana-de-açúcar necessita de trato. Entretanto, a idéia reinante em Andrade Pinto como também nos dois distritos vizinhos é que tal agricultura pode ser feita em qualquer meio e com pouco esforço.

A agricultura canavieira pode ser realizada com melhores resultados tanto em Andrade Pinto, que a utiliza como forragem quanto em Aliança e Encantos, que plantando-a para fins industriais deveriam cultivá-la com mais esmero. Tal não acontece porém. Plantam-na nas partes mais elevadas e nos piores solos. Os resultados são péssimos. Sendo cultivada em encostas de declividade desaconselhada, torna difícil a irrigação, que é tida como desnecessária. Além disso tudo, não usam adubo.

Outrora, quando a cana sucedeu ao café e marcou época, sendo cultivada também em melhores solos, podia-se notar a diferença do meio nos resultados obtidos.

O apogeu dos canaviais pouco durou. As causas foram várias. A mais importante foi a queda de preço da aguardente. Fazendas que a tinham como sustento entraram em crise. As que não fabricavam aguardente faziam o açúcar mascavo e o mascavinho, um pouco melhor que o primeiro, apresentando ainda coloração mais clara. Ambos sofreram a concorrência do açúcar branco, que além de melhor, pouca diferença tinha nos preços. Além disso surgiu a abóbora, que na fazenda São Luís da Boa Sorte teve auspiciosa fase.

Enfim, outro fator que influiu foi a falta de lenha para estas indústrias, pois não havendo matas e sendo poucas as capoeiras, as dificuldades aumentavam de ano para ano.

O resultado disto tudo foi o extermínio da cana como atividade básica, melhorando em consequência as capoeiras.

A FASE ATUAL

1. Pequenas lavouras

A atual agricultura do distrito de Andrade Pinto caracteriza-se pela policultura, embora haja predominância da abóbora. Anteriormente, como vimos, distinguiu-se pela monocultura, a princípio do café e depois da cana, que pouco tempo durou.

É uma agricultura que apresenta bom rendimento, pesando na economia local. Sobrepujam-na a pecuária e a avicultura, que são atualmente as atividades predominantes, como vemos pelo mapa de aproveitamento do solo. Mesmo assim, a variedade, e, em certas épocas, a

quantidade, surpreendem os que visitam as feiras de Avelar, Maçambará e Werneck.

Para uma região outrora dominada pela monocultura cafeeira, os resultados são bons. Os estragos oriundos da má técnica aplicada ao uso da terra aí foram menos funestos. A topografia mais suave contendo em sua estrutura o gnaíse, não permitiu que os agentes erosivos criassem uma paisagem desoladora como verificamos em Sebastião de Lacerda, Vassouras, Vera-Cruz e outras partes, onde as voçorocas dominam e aumentam gradativamente. A situação de Andrade Pinto é excelente em comparação com os citados lugares.

Além da topografia favorável, as rochas que nêle afloram, como o diabásio e o calcário, proporcionam-lhe solos férteis e mesmo profundos como observamos no vale do córrego Sêco, entre a vila de Andrade Pinto e o povoado de Andrade Costa (Fig. 17). Os vales são mais utilizados para a lavoura porque concentram maior porcentagem de



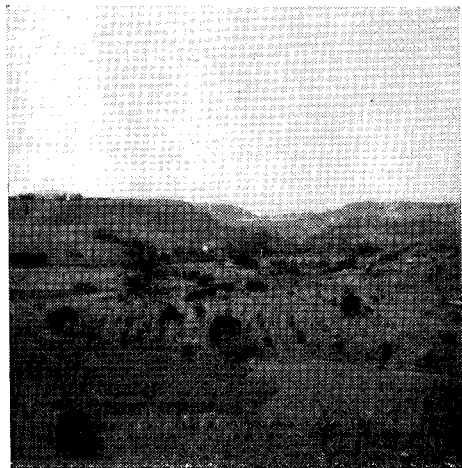
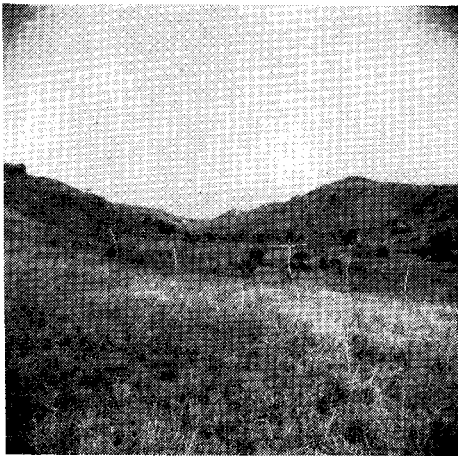
Fig. 17 — Solo derivado da dolomita. Vê-se na parte mais escura a "terra humosa" apresentando 50 centímetros de espessura.

(Foto do autor)

húmus e sais minerais. Segundo um lavrador local, 6 litros de milho dão 10 sacos no morro e 20 na várzea ou seja exatamente o dôbro.

Os resultados poderiam ser melhores se fôsem utilizados processos mais adequados. É verdade que já progrediram. Não empregam as queimadas, pois já conhecem os seus efeitos. Os de maior recurso já usam o trator, mas de modo geral, predominam o arado e a enxada. Falta ainda muita técnica, emprêgo de curvas de nível, terraços, etc.. Utilizam muito bem os vales e com irrigação.

As culturas são feitas, geralmente, no início das chuvas, fins de setembro até março. Estas exercem grande influência. Quando faltam, ocasionam transtornos, mormente quando a lavoura se destina à ração do gado. O milho consumido na fazenda São Luís da Boa Sorte vem de São Paulo.



Figs. 18 e 19 — Da direita para a esquerda vemos os vales dos córregos Lucas e da Barra com suas culturas, evidenciando-se a variedade do primeiro
(Fotos do autor)

Entre as grandes propriedades, como a fazenda Samambaia com 219,6150 hectares, a lavoura é feita a meia. O proprietária dá a terra lavrada e as sementes e o meeiro cuida da mesma até o fim, recebendo ainda financiamento para os gastos particulares. Os que trabalham na lavoura são geralmente os idosos e as crianças.

As safras são vendidas nas feiras de Avelar e Maçambará, sendo que esta última tende a capturar boa parte do comércio da primeira, em virtude dos melhoramentos na estrada-tronco.

Embora a lavoura tenha dado lucro, notamos que os agricultores são prejudicados, pois os produtos são vendidos aos intermediários. O preço é quase padrão. Se houvesse o sistema de cooperativa seria mais interessante, como atestam as granjas.

As maiores lavouras são as de abóbora e feijão, seguidas das de pimentão, milho, tomate, etc.

A abóbora é cultivada em qualquer época, sendo que as lavouras de encosta são feitas no período das chuvas; as de várzea durante todo

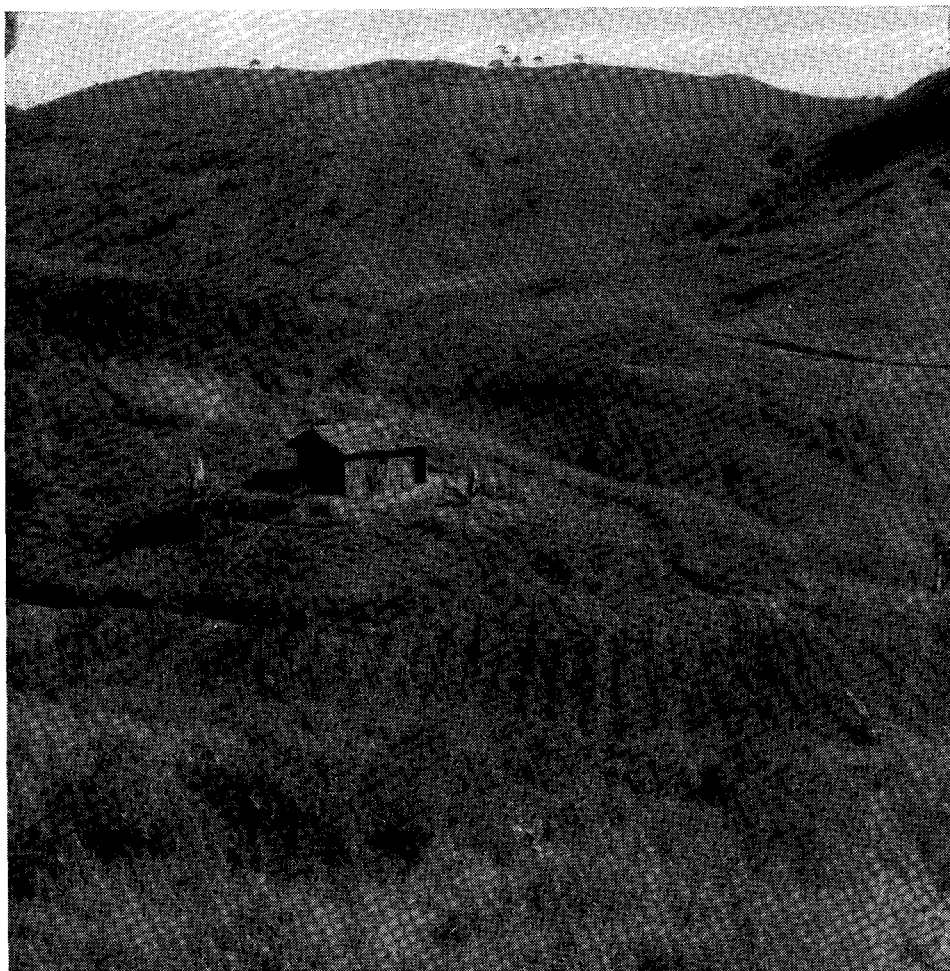


Fig. 20 — Culturas de feijão e abóbora próximas à fazenda São Luís da Boa Sorte. Os terrenos são derivados do diabásio.

(Foto de A. J. P. DOMINGUES)

Fig. 21 — Solos oriundos do calcário dolomítico. Belo exemplo da variedade de culturas existentes no córrego Sêco: feijão, pimentão e fruticultura.

(Foto do autor)

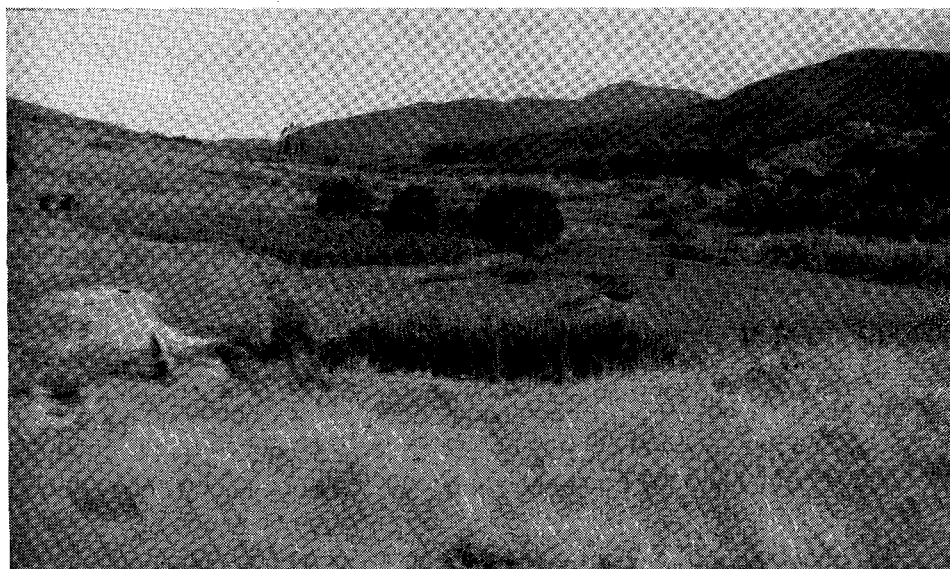




Fig. 22 — *Culturas de feijão e cana-de-açúcar associadas às granjas, próximas ao córrego Lucas.*
(Foto do autor)

o ano devido à possibilidade de irrigação, o mesmo se dando com o pimentão.

O feijão é cultivado no fim e no princípio das chuvas e o milho somente no comêço.

Os produtos de inverno são: repôlho, ervilha, cebola, alho, cenoura e berinjela, com início em maio ou junho.

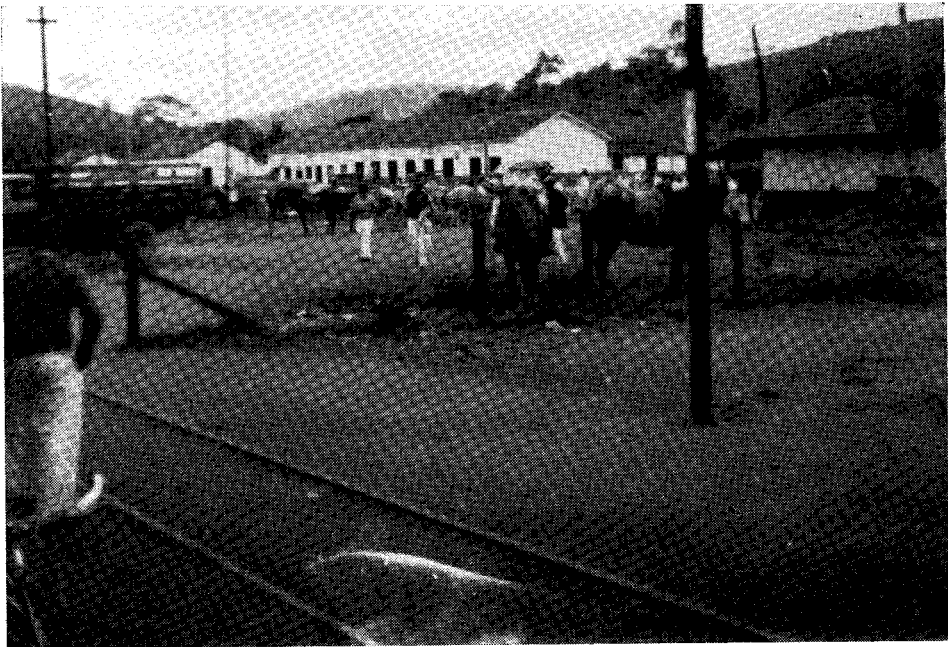


Fig. 23 — *Feira de Avelar, para onde converge grande parte das safras do distrito.*

(Foto CELMO M. M. VIEIRA)

As hortaliças destinam-se ao consumo local e às granjas.

De modo geral, as safras crescem no verão e decrescem no inverno, quando aumentam de preço. O quadro abaixo nos dá uma idéia a respeito.

PRODUTOS	MÉDIA DIÁRIA (Toneladas)		PREÇO	
	Verão	Inverno	Verão	Inverno
Abóbora.....	20	1	0,60 — 1,00	1,00 — 1,50
Vagem.....	20	7	2,50 — 3,00	4,00 — 5,00
Pimentão.....	50 pregados*	6 pregados	100,00	200,00 — 250,00

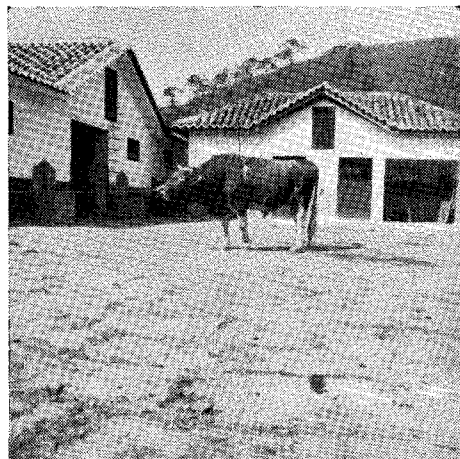
* Caixa dividida ao meio.

Como vemos, as lavouras de Andrade Pinto são boas. Influem grandemente nas feiras do município e conseqüentemente no Distrito Federal, para onde seus produtos são enviados na quase totalidade.

2. Criação de gado bovino

Três quartas partes do distrito ocupam-se da pecuária. Esta é a atividade predominante, destacando-se as fazendas de Ubá (Cia. Centros Pastorais do Brasil), Santa Helena (S. A. Agropecuária Santa Helena) e São Luís da Boa Sorte. Destas, as duas últimas sobressaem porque além do gado selecionado, adotam técnicas modernas. Por isso, embora possuam áreas menores, apresentam maior produção de leite em relação ao espaço ocupado, como demonstra o quadro abaixo.

FAZENDAS	Área (ha)	Litros de leite (junho de 1954)
Cia. Centros Pastorais do Brasil.....	2 952,9000	32 035
S. A. Agropecuária Santa Helena.....	533,0188	21 000
São Luís da Boa Sorte.....	441,6500	13 517



Figs. 24 e 25 — À direita, reprodutor Jersey da fazenda São Luís da Boa Sorte. À esquerda, aspecto da ordenha na mesma fazenda.

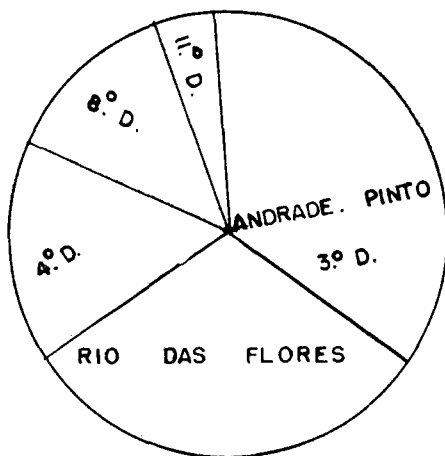
(Fotos A. J. P. DOMINGUES)

As demais não usam técnicas e em consequência a produção é baixa em relação à área. Precisam selecionar o rebanho. Possuir vacas não significa produzir leite. Enquanto não melhorarem a raça os resultados não serão compensadores. É preferível poucas e boas reses do que muitas e ruins. Já há tendências selecionadoras, como observamos na fazenda São Lourenço. Os resultados alcançados pelas fazendas Santa Helena e São Luís da Boa Sorte estão servindo de exemplo. Muitas já possuem bons reprodutores e daqui a algum tempo estarão com um rebanho melhor.

As pastagens, entretanto, necessitam de modificações. Os pastos grandes devem ser divididos para evitar o esgotamento. Subdivididos permitem o rodízio e evitam as consequências da erosão. É necessário ainda cultivar o capim, como vem acontecendo nas duas fazendas citadas. Estas, além dos pastos tratados, cultivam cana e milho para o rebanho. A primeira é usada picada e o segundo destina-se aos silos; tais forragens visam a melhorar a alimentação, mormente no período seco do inverno, sendo ainda consumidas nos estábulos.

A pecuária está em franco progresso. É mais estável do que a lavoura e devido a isto é a atividade principal. Seu crescimento, todavia, contribuiu para reduzir a população do distrito, pois não necessita de tantos braços como a lavoura.

A atual produção de leite é boa, como verificamos pelos dados referentes ao mês de junho deste ano e tende a aumentar. A Cooperativa Agropecuária de Andrade Pinto Ltda. está bem organizada. A organização, o melhoramento nas estradas e a posição estratégica influíram na sua ascensão. Além dos distritos vizinhos, o município de Rio das Flores contribui para aumentar a produção da referida cooperativa, como observamos pelo total do mês de junho (59 746 litros). Isto não diminui a sua importância, pois as fazendas Santa Helena com 21 000 litros de leite, Providência com 4 500, Horizonte com 1 800 e a propriedade do senhor ARNALDO SALGADO com 3 000, concorrem com o total de 100 631 litros mensais para a Cooperativa de Laticínios de Paraíba do Sul.



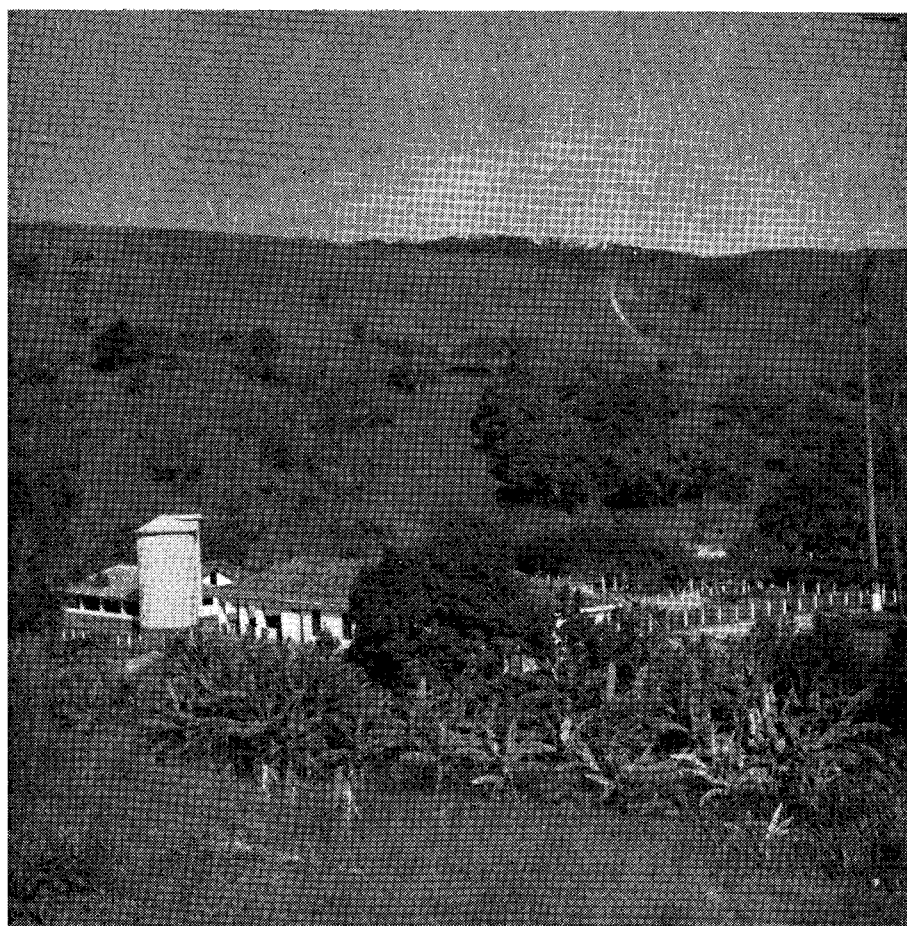
Porcentagem da produção da cooperativa no mês de junho de 1954.

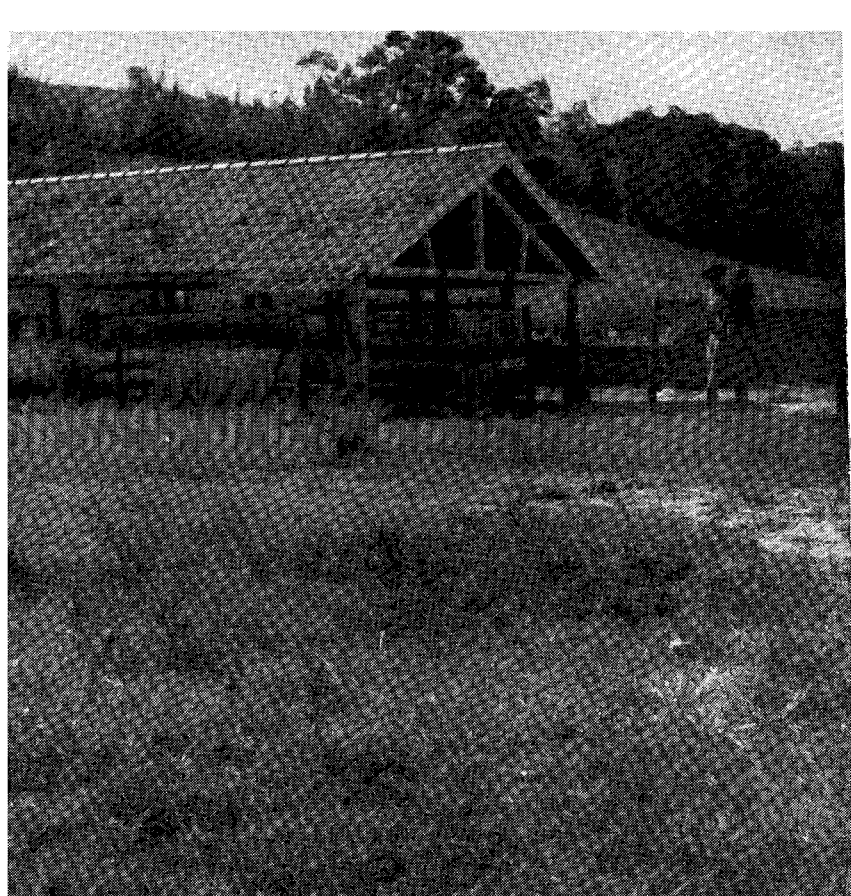
A produção total da Cooperativa Agropecuária de Andrade Pinto Ltda. no mês de junho foi de 196 010 litros, sendo a contribuição do distrito de 70 331 litros. Se desprezássemos o total dos distritos vizinhos e municípios de Rio das Flores e somássemos o leite que vai para Paraíba, teríamos para o distrito 170 962. Como vemos, o 3.º distrito de Vassouras está com boa produção de leite. Aí notamos a influência das pastagens e do gado raçado (Jersey e Guernesey) nos resultados.



Figs. 26 e 27 — Estes silos das fazendas Santa Helena e São Luís da Boa Sorte testemunham o empenho dos respectivos proprietários na alimentação do gado.

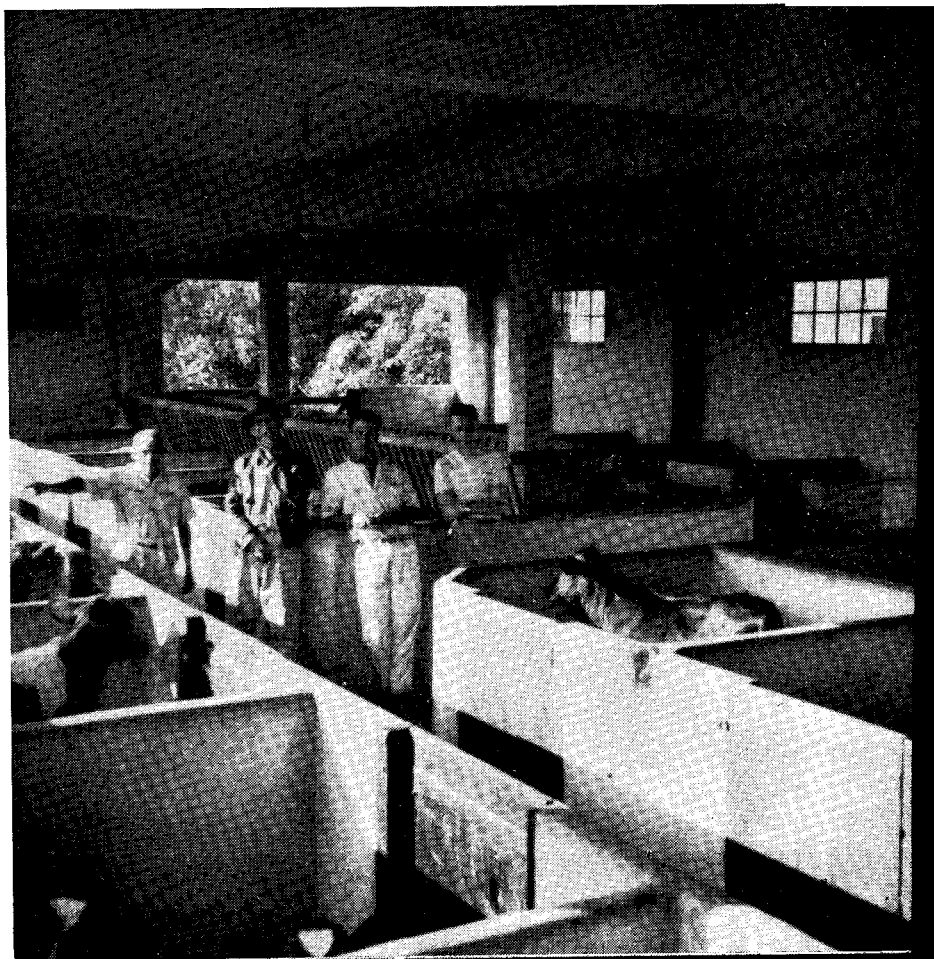
(Fotos do autor)





Figs. 28 e 29 — *Está-
bulo e creche da fa-
zenda São Luís da
Boa Sorte.*

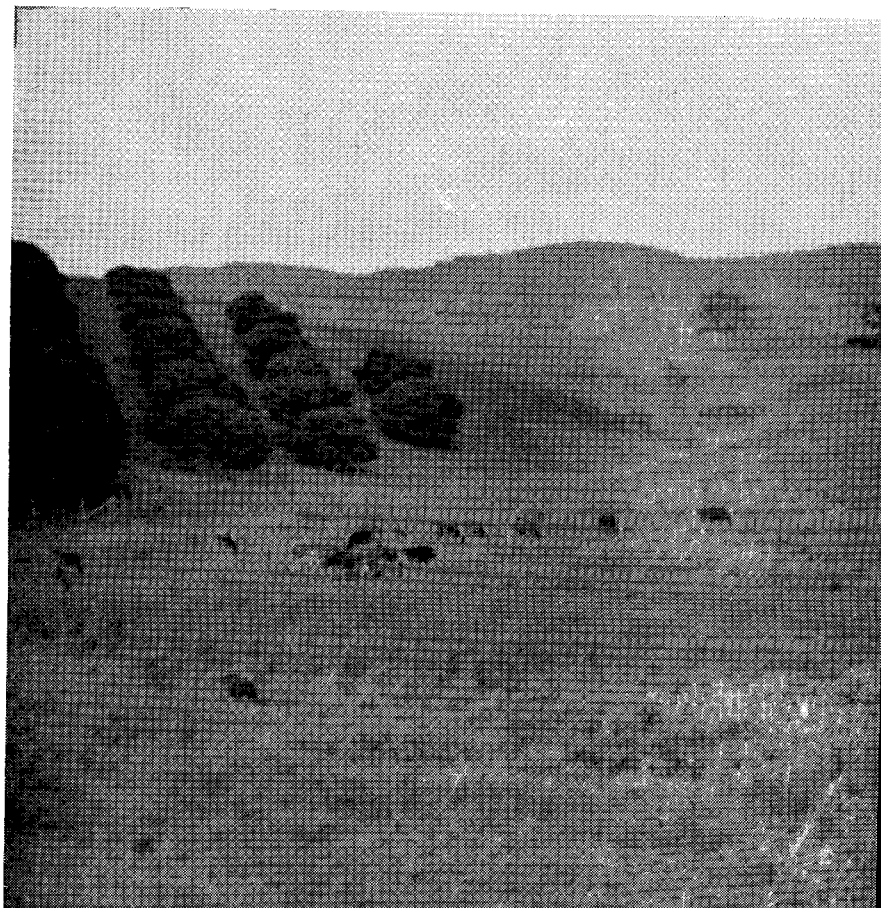
(Fotos A. J. P.
DOMINGUES)





Figs. 30 e 31 — Pastagens da fazenda Santa Helena. Note-se a ausência de ervas e outras plantas inúteis, que anualmente são retiradas pelas roçadas.

(Fotos do autor)



O leite é pago aos cooperados de acôrdo com o teor de gordura, conforme a tabela abaixo. Vem para o Rio com 3,3 e da gordura retirada fabrica-se manteiga.

TABELA DE PAGAMENTO DO LEITE SÔBRE O TEOR DE
GORDURA EM DEZEMBRO DE 1953 a 30-4-954,
AINDA EM VIGOR

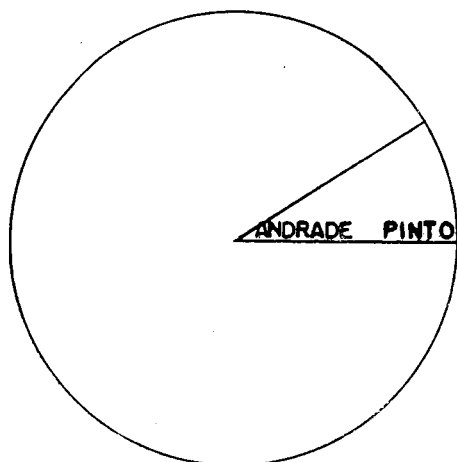
TEOR	PREÇO
3,5	Cr\$ 2,70
3,6	" 2,72
3,7	" 2,74
3,8	" 2,76
3,9	" 2,78
4	" 2,80
4,1	" 2,82
4,2	" 2,84
4,3	" 2,86
4,4	" 2,88
4,5	" 2,90
4,6	" 2,92
4,7	" 2,94
4,8	" 2,96
4,9	" 2,98
5	" 3,00

3. A avicultura

É neste setor que encontramos melhor organização. De fato, quase todos os avicultores do distrito possuem criação selecionada, empregando na mesma tôda a técnica recomendável. O mesmo não podemos dizer com respeito à pecuária, pois apenas duas fazendas são organizadas, apresentando rebanho raçado, pastos tratados, silos e estábulos.

As granjas de Andrade Pinto são excelentes. A construção dos aviários demonstra-nos o bom aproveitamento do meio. O homem soube utilizar as condições mais favoráveis. As aves são devidamente tratadas. Além das rações indicadas, vacinas, etc., há hortas especiais, visando a melhorar a alimentação, como observamos na Glória, que é o centro principal desta atividade.

Os avicultores estão habilitados em suas funções. Até cruzamento para beneficiá-los com bom preço na venda das aves velhas já está sendo pôsto em prática. As Leghorns, por exemplo, dão excelentes resultados na produção de ovos e por isso são as que existem em maior número. Quando atingem a curva de decréscimo são vendidas para o corte, mas os preços são inferiores. O seu cruzamento com New Hampshire dá bom resultado e satisfaz aos dois casos. Daí o emprêgo do cruzamento. Encontramos na região tôdas as raças afamadas.



Porcentagem de Andrade Pinto na cooperativa de Benfíca.

A organização tem recompensado os avicultores, fazendo Andrade Pinto sobressair na Cooperativa dos Avicultores de Benfíca Ltda. Assim, em 1953, dos Cr\$ 14 297 269,40 de ovos enviados à cooperativa, o distrito contribuiu com a apreciável soma de Cr\$ 3 223 303,80 ou seja 22,3%. Quantia extraordinária, pois somente 10 enviaram ovos para a citada cooperativa. Esta contém 144 cooperados. Logo, a média de Andrade Pinto é de 322 330,38 e da cooperativa 10 034,99.

Este ano a contribuição deverá duplicar-se, pois além dos 10 cooperados do ano passado, outros que até então vendiam aos intermediários, registraram-se na mesma. O processo da cooperativa é interessante pois fornece o retôrno no fim do ano. Assim, o primeiro colocado do distrito em 1953 enviou Cr\$ 858 579,80 de mercadorias e teve Cr\$ 234,802,30 de dividendo, perfazendo o total de Cr\$ 1 073 382,10. Se vendesse ao intermediário, o lucro seria menor. Aparentemente, os intermediários pagam mais. Atualmente a cooperativa paga os ovos a Cr\$ 20,00 a dúzia e os intermediários a Cr\$ 22,00, portanto Cr\$ 2,00 a

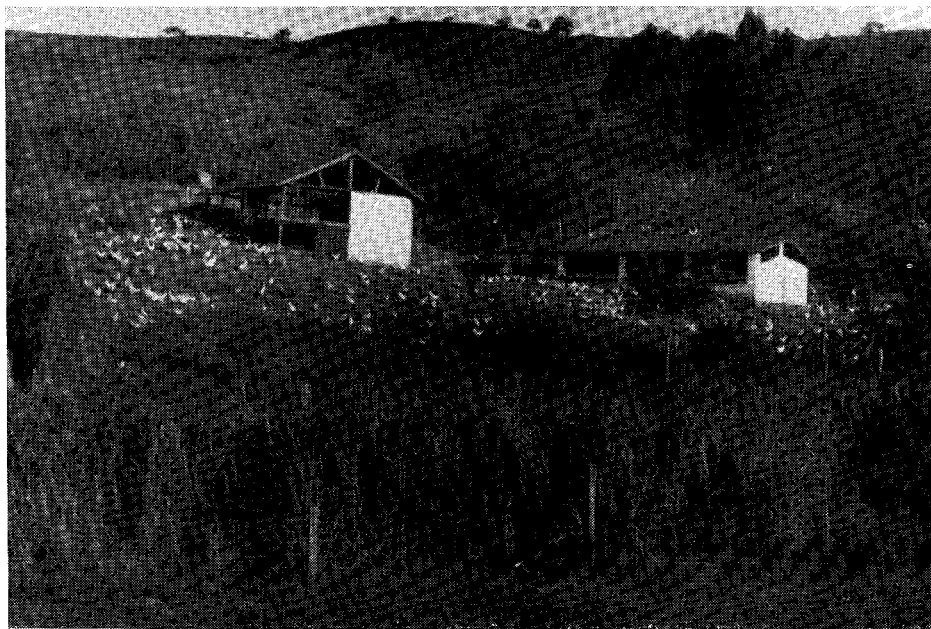


Fig. 32 — Granja São Lourenço, situada a 1 quilômetro da vila. Observe-se a disposição dos aviários com as paredes protegendo-os do vento.

(Foto A. J. P. DOMINGUES)

mais. Como vemos, o sistema de cooperativas é interessante e deveria ser utilizado também na agricultura.

O número de granjas tem aumentado e futuramente os resultados serão ainda maiores e estáveis, pois a técnica vem sendo aprimorada.



Fig. 33 — Granja São Luís da Boa Sorte. Propriedade do administrador da fazenda do mesmo nome. Nota-se a disposição protetora do aviário e duas raças Leghorn e Rhode-Island.

(Foto A. J. P. DOMINGUES)



Fig. 34 — Granja da Glória, maior fornecedora do distrito no presente ano

(Foto CELMO M. M. VIEIRA)



Fig. 35 — *Moagem de Minério Ltda. com sede na vila.*

(Foto A. J. P. DOMINGUES)

4. As indústrias

As indústrias mais importantes de Andrade Pinto são a Cerâmica de Andrade Pinto Ltda. e a Moagem de Minério Ltda., ambas situadas na vila. A primeira tem concorrido para a modernização das residências, pois fabrica tijolos e manilhas, tendo ainda comércio fora, inclusive Rio de Janeiro. A segunda ocupa-se da moagem do calcário dolomítico, compreendendo três tipos: R, para revestimento; T, para calçamento (asfalto) e V, para vidro. O primeiro é vendido em Caxias (Casa Francesa) e em São Cristóvão (Macedo Serra); o segundo na rua Frei Caneca (Cia. Auxiliar de Viação e Obras) e o terceiro em Juiz de Fora.

O calcário dolomítico, conforme análise quantitativa feita no Instituto Nacional de Tecnologia apresenta 19,87% MgO e 31,15% de CaO. Emprega-se também na lavoura, porém raramente. Nestas duas indústrias concentra-se a maior parte da população da vila.

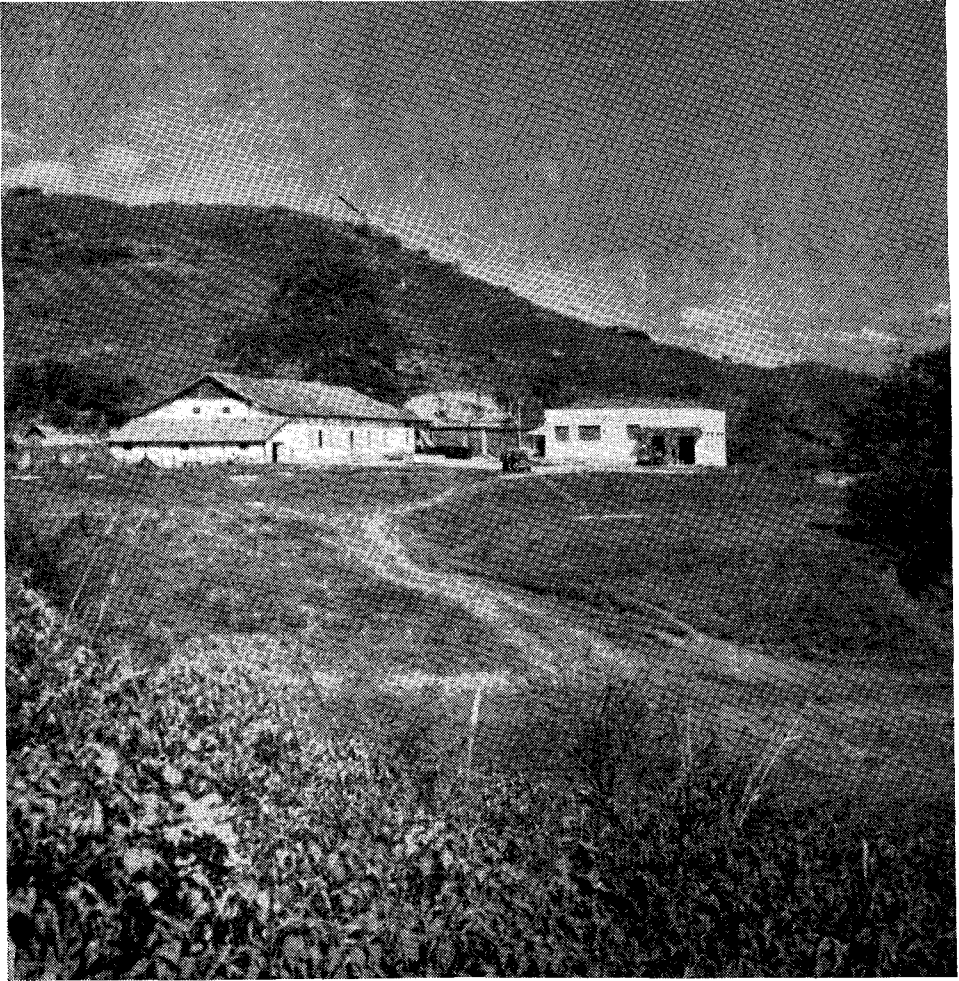


Fig. 36 — Cooperativa Agropecuária de Andrade Pinto, com sede na fazenda de Ubá.

(Foto A. J. P. DOMINGUES)

Além destas, outra indústria importante é a da manteiga, fabricada na fazenda de Ubá pela Cooperativa Agropecuária de Andrade Pinto Ltda. Produz uma média de 9 000 quilos mensais, tendo por mercado o Rio de Janeiro.

As demais, constam de padarias, moinhos, etc., de âmbito apenas local.

CONCLUSÃO

Em linhas gerais, o distrito de Andrade Pinto apresenta características semelhantes a todo o vale do Paraíba.

Pelo exposto, podemos concluir o seguinte:

1.º) O distrito de Andrade Pinto é beneficiado pela topografia e pela geologia. Se não fôsem êsses fatores, teríamos aí o mesmo aspecto desolador de outras regiões estragadas pelo mau aproveitamento do solo no período do apogeu cafeeiro.

2.º) Os solos locais, embora cansados, ainda permitem agricultura compensadora no fundo dos vales e em encostas, quando oriundos de rochas cuja decomposição favorece a lavoura.

3.º) O clima mesmo apresentando duas estações: uma seca e fria, outra chuvosa e quente, não determina a paralisação da agricultura no inverno, porque a mesma pode ser praticada nos vales, onde os cursos d'água, mesmo pequenos, permitem a irrigação.

4.º) A atual agricultura, apesar de bom rendimento, vem decrescendo em virtude da dificuldade da mão-de-obra e do predomínio da pecuária e da avicultura. Os resultados são compensadores mas poderiam ser melhores se as mercadorias fôssem vendidas diretamente aos mercados e não a intermediários.

5.º) A fase cafeeira se extinguiu devido principalmente ao cansaço do solo.

6.º) O período da cana-de-açúcar, além do mau aproveitamento do meio, durou pouco devido à queda da aguardente e à concorrência do açúcar refinado.

7.º) A pecuária tem-se desenvolvido porque exige menor mão-de-obra, é mais estável e conta com processos seletivos.

8.º) A avicultura tem dado resultados porque a organização é boa, contando com a assistência dos proprietários que residem no local e com a Cooperativa de Benfica, que é um mercado certo e compensador.

9.º) A causa da diminuição da população é devida à pecuária e à avicultura que não exigem grande número de braços e, em parte, à atração das cidades, onde os jovens permanecem após o serviço militar.

10.º) A vila, apesar de bem situada, cresce vagarosamente porque os proprietários da maior parte dos lotes estão mais interessados nos problemas das fazendas e sítios. A população não é grande porque além da Cerâmica de Andrade Pinto Ltda. e da Moagem de Minério Ltda. não há outro horizonte de trabalho.

11.º) A situação do distrito, bem como a qualidade das estradas, são fatores que facilitam o intercâmbio com os grandes centros.

Em suma, podemos dizer, que o atual panorama de Andrade Pinto é de franco progresso, e deverá melhorar futuramente. Como vemos, sua importância econômica é grande e deverá ser maior, desde que continuem aprimorando os processos empregados em qualquer uma das atividades.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — *Anuário Estatístico do Brasil* — Conselho Nacional de Geografia, 1953.
- 2 — *Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro* — Conselho Nacional de Geografia, 1953.
- 3 — BARBOSA DE OLIVEIRA, Américo L. — “Deficiências da Economia Rural Brasileira” — *Boletim Geográfico*, ano IV, n.º 46, janeiro de 1947.
- 4 — BERNARDES, Lísia Maria Cavalcanti — “Tipos de Clima do Estado do Rio de Janeiro” — *Revista Brasileira de Geografia*, ano XIV, n.º 1, janeiro-março de 1952.
- 5 — BERNARDES, Nilo — “Divisão Regional do Estado do Rio de Janeiro” — *Boletim Geográfico*, ano VII, n.º 81, dezembro de 1949.
- 6 — BUARQUE DE LIMA, Olga — “O Vale do Paraíba” — *Boletim Geográfico*, ano VII, n.º 78, setembro de 1949.
- 7 — “Censo de 1950” — *Boletim Resumo* fornecido pela agência do IBGE de Vassouras.
- 8 — CORREIA NETO, Pedro — “Êxodo dos Trabalhadores Rurais” — *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 20, novembro de 1944.
- 9 — COSTA PEREIRA, José Verissimo — “Introdução ao Estudo do Vale Médio do Paraíba” — *Boletim Geográfico*, ano I, n.º 8, novembro de 1943.
- 10 — DEFFONTAINES, Pierre — “O Paraíba, Estudo de Rio no Brasil” — *Boletim Geográfico*, ano III, n.º 30, setembro de 1945.
- 11 — FIGUEIREDO MONTEIRO, Carlos Augusto de — *Angra dos Reis* — (Guia da Excursão) — Conselho Nacional de Geografia — 1954.
- 12 — GUIMARÃES, Djalma — *Arqui-Brasil e sua Evolução Geológica* — Ministério da Agricultura, 1951.
- 13 — LAMEGO, Alberto Ribeiro — *O Homem e a Serra* — Conselho Nacional de Geografia, 1950.
- 14 — MACEDO SOARES GUIMARÃES, Fábio — “O Vale do Paraíba” — *Boletim Geográfico*, ano I, n.º 4, julho de 1943.
- 15 — PÔRTO DOMINGUES, Alfredo José — *Município de Paraíba, Estado do Rio de Janeiro* — Relatório de Geomorfologia apresentado em 13-12-48.
- 16 — PÔRTO DOMINGUES, Alfredo José — “O Vale do Paraíba” — *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 23, fevereiro de 1945.
- 17 — QUINTIÈRE, Léia — “O Vale do Paraíba tem sua História” — *Boletim Geográfico*, ano VII, n.º 73, abril de 1949.
- 18 — *Registro de Lavradores e Criadores* — Volume III — Ministério da Agricultura — Serviço de Estatística da Produção, 1952.
- 19 — RUELLAN, Francis — “O Litoral — A Serra — O Vale do Paraíba” — *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 23, fevereiro de 1945.
- 20 — RUELLAN, Francis — *Excursão a Teresópolis* (Guia) — Conselho Nacional de Geografia, 1951.
- 21 — RAPÔSO, Inácio — *História de Vassouras* — Fundação 1.º de Maio, Vassouras, 1935.
- 22 — *Sinopse Estatística do Município de Vassouras* — Conselho Nacional de Estatística, 1948.
- 23 — TEIXEIRA DE OLIVEIRA — *Vida Maravilhosa e Burlesca do Café* — 2.ª edição — 1942.
- 24 — TAUNAY, Afonso de E. — *Pequena História do Café no Brasil* (1927—1937) — Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro, 1945.

SUMMARY

The author, geographer of the Conselho Nacional de Geografia, analyses in his article the geographical aspects of Andrade Pinto, a district from the municipality of Vassouras, in Rio de Janeiro State.

In the first chapter, the author examines the natural landscape, emphasizing the relief features and the geology and showing the influence of topography and geological structure on the local economy.

In the second chapter he studies the economical evolution of the region and the present resources, establishing three different economic phases; those of coffee and sugar cane and the present one, consisting of cattle and a poor agriculture.

In the coffee phase the author analyses the high period of coffee, plantations and the agricultural systems employed, showing that, in Andrade Pinto, the favourable conditions of the topography make possible the employment of those systems.

Next he shows the aims of the present sugar cane plantations and points out the factors of its failure as a basic economical resource, calling the attention to the errors still practiced in the surrounding Districts.

The present phase is subdivided in: little farming, cattle, aiviaries and industries:

In the study of little farming, the author emphasizes the importance of the humus concentration at the bottom of the valleys and of the fertile soils originated from basic rocks; as well as the influence of the crops in Avelar, Maçambará and Werneck fairs. Cattle is now the principal activity and an improving one. Aviculture is also studied, the advantages of the cooperativism being pointed out through the "Cooperativa de Benfica". The industrial development is shown in the last part of the paper.

Concluding, the author points out the reasons for the occurring phenomena saying of the promising future of Andrade Pinto.

RÉSUMÉ

L'auteur, géographe du Conselho Nacional de Geografia, étudie les aspects géographiques du district de Andrade Pinto, appartenant au municipe de Vassouras, de l'État de Rio de Janeiro.

Au premier chapitre, l'auteur décrit le paysage naturel du district, en détachant surtout l'influence que la suavité du relief et la constitution géologique exercent sur l'économie locale.

Au seconde chapitre, il nous parle de l'évolution économique en établissant trois phases distinctes: celle du café, celle de la canne à sucre, et, enfin, la phase actuelle — élevage et petite agriculture.

En nous décrivant la première période il analyse non seulement l'apogée du café mais aussi les conséquences postérieures de ce système agricole, qui, dans cette région, grâce à l'influence favorable de la topographie, ont été moins nuisibles.

Ensuite il examine les objectifs de la culture de la canne à sucre, en signalant les causes de son insuccès qui finirent par l'abolir comme ressource économique de base; l'auteur nous montre alors les erreurs qui, encore aujourd'hui, peuvent être observés dans les districts voisins.

La phase actuelle est subdivisée en subchapitres: petite agriculture, élevage, aviculture et industries.

Quant à l'agriculture l'auteur insiste sur l'importance des vallées dont la fertilité est due à la concentration de l'humus et aux sols originaires des roches basiques; cette fertilité peut être constatée aux foires de Avelar, Maçambará et Werneck.

L'élevage, en constant progrès, est devenu la principale activité de la région et son importance est évidente.

L'auteur étudie, encore, l'aviculture et les bienfaits du cooperativisme en donnant comme exemple la Coopérative de Benfica.

Enfin, il nous parle du développement industriel, et conclut en prévoyant un avenir plein de promesse pour Andrade Pinto.